7
Conclusão

Sou um menino que vê o amor pelo buraco da fechadura. Nunca fui outra coisa. Nasci menino, hei de morrer menino. E o buraco da fechadura é, realmente, a minha ótica de ficcionista. Sou (e sempre fui) um anjo pornográfico.

Nelson Rodrigues

A literatura pode ser o registro das mudanças pelo viés do discurso. Pode produzir o que não existe, reproduzir o que existe ou ainda equilibrar real e ficcional, dizendo-os na materialização da linguagem. Muito do seu poder revolucionário, ou mesmo cristalizador, está nessa capacidade, quase utópica e insana, de criação de universos (in)existentes no interior do texto; ou, se pretendermos de outra forma, de revelação do que está oculto nos subúrbios da alma ou na periferia da razão. Mas – e ao lado de tudo isso – a literatura insiste em fornecer as marcas de uma época, não abre mão de ser o lugar dos embates travados no momento em que foi produzida e, por isso, constitui registro importante dos movimentos de mudanças na sociedade.

Partimos da afirmação de Nelson Rodrigues de que toda coerência é, no mínimo, suspeita e de que toda unanimidade é burra. No entanto, cabe-nos apresentar algumas reflexões sobre pontos que nos permitiram invadir os espaços da cidade rodrigueana. O nosso objetivo aqui não foi traçar a obra de Nelson Rodrigues de forma linear ou uniforme e sim buscar compreender suas ponderações, elaboradas através de contos, folhetins e crônicas de futebol, como um conjunto de ideias sobre cidade que aflora das páginas. Se Nelson fez bom uso da visão como sentido primordial à interação moderna, sua percepção em torno do universo auditivo do carioca moderno também é aguçada e sensível. Transitando pelas ruas, casas e campos de futebol, ele nos deixa uma sinestesia de cores e a polifonia de vozes que irrompem a vida urbana, desafiando os olhos e ouvidos até então acostumados ao silêncio e à tranquilidade.

A representação do espaço urbano na obra de Nelson ocorre de diferentes modos, seja no plano da memória que tenta presentificar uma cidade que já não mais existe; na voz dissonante de um eu, bem próximo do cronista, que critica as aceleradas transformações urbanas ou em narrativas sobre as redes de sociabilidades que se formam e se desfazem no universo citadino.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Os textos aqui analisados revelam a complexidade do universo ficcional de Nelson Rodrigues diante de uma urbe que sofria os efeitos do moderno, principalmente na questão do individualismo no contexto urbano. Essa complexidade se deve aos intricados jogos temáticos que sua narrativa envolve; não os que ficam na superfície do texto, claramente identificados, mas, também, outros que se escondem nos subterfúgios da palavra escrita e que, também, são possíveis. Nesse ponto se evidencia a questão de um sistema de crenças e valores e um conhecimento de senso comum que são tomados como elementos de composição literária. Em suas histórias está implicado o universo social complexo em que as personagens tentam se mobilizar. Seus dramas, seus problemas e seus processos psíquicos só adquirem sentido uma vez que os situamos em um específico meio social ou num sistema de classificação e, logo em seguida estabelecemos suas relações com outros grupos e tramas em que os enredos se desenvolvem. Há uma clara reelaboração dos ideais vigentes e do conhecimento informal que rege as relações sociais; essa reelaboração age de forma relevante na produção do significado das histórias, das ações das personagens, produzindo o efeito de real em enredos inusitados. Sem dúvida que as histórias aqui tomadas como amostragem dos efeitos do moderno sobre o homem constituem apenas pequena fatia dos elementos e temas possíveis de outras análises.

Nos contos de *A vida como ela é...* , por exemplo, as narrativas põem em questão temas como o adultério, a sexualidade e a afetividade, expondo a questão de valores machistas que ainda são profundos, além de enfatizar as ambiguidades em torno da existência das personagens. Se de um lado ficam expostos o pecado e o desejo, em seu oposto encontramos a virtude e a moralidade.

> E tudo correria no melhor dos mundos, se, às vésperas do casamento, Lucila não começasse a ficar triste. Suspirava pelos cantos. E, um dia, a sós com o Chagas, teve uma explosão: "Acho horroroso trair um homem!" Era este, de fato, o seu drama, esta sua crise. E dizia: "Não sei se terei essa coragem..." Chagas acabou perdendo a paciência; foi até brutal:
>
> – Que tanto escrúpulo é esse? – e completou, incisivo: – Trair o marido não é pior do que trair a irmã!
>
> Lucila, então, num desespero maior, gritou: "O marido não me interessa! O que eu não queria era trair você![1]

[1] RODRIGUES, 2006, p. 141.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

O adultério surge no interior dessa dicotomia e é nela que ele ganha destaque nos contos. O jogo de aparências é comum nas narrativas rodrigueanas, nada do que parece ser é de fato e é nesse ponto que começa o desvanecimento das máscaras pelo recurso da ironia, recorrente em Nelson. Revela-se a ilusão, tanto da adesão às normas quanto da socialmente compartilhada, resultando em efeito de real. Isso significa dizer que em seus textos, vemos o desmascaramento do sistema de valores e da moral da época. É no adultério que o universo machista é, ao mesmo tempo, negado e reafirmado, e põe em destaque o contraponto das crenças e dos valores morais como marcas afetivas de comportamento urbano.

É deste ponto de vista que os modos de vida e o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro são tematizados. O afetivo contraposto ao racional, ao senso de elite e as sociabilidades do mundo constroem um sentido axiológico que dão ritmo e andamento aos textos rodrigueanos. Esse conflito axiológico pressupõe uma mudança de hábitos e costumes e nos modos de perceber e de pensar o cotidiano. Sob essa ótica, a posição de Nelson vai além do que poderia parecer conservadorismo, é uma posição artística. Os elementos estético e afetivo são essenciais nas avaliações de fundo ético do autor. Como em outras obras de arte, em Nelson, ética e estética são indissociáveis na composição de sua obra. É esse aspecto que favorece as ironias rodrigueanas tanto do que é conservador quanto do que se constitui como moderno.

Assim, a cartografia urbana de Nelson, feita de olho na composição do espaço público e privado, nos traz questões mais relevantes do que a simples ressignificação sociocultural do carioca no contexto do crescimento urbano. Ao expor a vida cotidiana da cidade do Rio ele aponta problemáticas inerentes ao processo da cotidianidade brasileira, como o projeto de modernidade foi propagandeado e difundido no país e seus desdobramentos até os dias de hoje.

Uma dessas problemáticas identificadas pelo autor, muito procedente à temática urbana que norteia esta tese, é a dinâmica singular com que a sociedade brasileira vivencia esse espaço público e privado. A questão perpassa grande parte da escrita de Nelson e foi especialmente fértil nos anos representados, quando as mudanças na cidade ainda impunham novos modelos de interação e produziam transformações e formas de convivência ainda inéditas para o brasileiro. As novas personagens, a política e a configuração espacial formavam o grande manancial de experimentação cultural no qual público e privado abrigavam.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Nesse cenário, cabia a cada um saber o seu lugar e também lutar por ele. Essa análise entre o sabido, o desconhecido e o almejado no plano das inter-relações cotidianas no espaço público é bem expressa na construção urbana de Nelson que soube acessar a significação profunda de situações desconexas e antagônicas.

A partir dessas considerações pensamos em outra caracterização recorrente nas crônicas do autor: a identidade do brasileiro constituída através do futebol. É claro que nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, cujo tema é a Copa do Mundo ou jogos amistosos internacionais da seleção, a presença de assuntos como os dos nacionalismos ou características genéricas dos países acabam aparecendo. No entanto, é notório como autor construiu essas representações, à maneira dos seus textos teatrais, questionando-as por meio do jogo. A crônica de futebol facilita tais aproximações, pois, assim como o diálogo e o gesto no teatro, o futebol consiste em jogar com um outro mediante a exposição pública. Mais uma vez o autor se reapropria dos papéis sociais para escancará-los como farsa. Nesse caso, o autor lança mão do discurso nacionalista de domínio de uma nação sobre outra para constantemente jogar na performance narrativa a humildade e a vitória ou entre essas duas representações de moderno, pois "ser humilde" era reconhecer o poder ou a vitória do outro, o mais "avançado". Nelson Rodrigues não escondia o seu gesto comemorativo como torcedor do futebol, mas também não escondia o exagero por meio de sua comemoração. As próprias representações são colocadas em tensão, mostrando que não éramos "humildes" (e a vitória do "escrete" provou a suspeita), tampouco nos tornamos ingleses (a condição de "ex-buchos" era mais forte do que a da beleza). Esse intrincado jogo de espelhos em que a imagem real nunca é visível tem origem no teatro como jogo de representações.

Mais do que esse elemento nacionalista, ou de verve patriota, nossos caminhos foram direcionados para o estádio, o Maracanã, a representação da cidade através desse espaço que assume papel essencial e forma um macrossistema urbano através do qual Nelson expõe as vicissitudes do homem citadino no ambiente coletivo. Na aparente singularidade das formas de sociabilidade que desenvolvem, na especificidade das práticas a que dão ensejo e dos símbolos através dos quais seus frequentadores se identificam e são identificados, diríamos, precipitadamente, que nada articula entre si esses diversos estilos de vida que se abrigam no espaço do estádio. Nações isoladas em seus

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

setores, sem um elemento comum a mediá-las senão a bola, o gramado. No entanto, debruçados em seu espaço próprio, esses grupos guardam histórias vividas em comum, experiências e símbolos compartilhados que, ao uni-los, identificando-os, excluem por isso mesmo os outros, dos quais se diferenciam. Recortada pela perspectiva do pedaço, a cidade aparentemente estilhaçada em rostos desconhecidos se converte em arquibancadas que, exibindo o trabalho do tempo, mostra apenas memórias comuns, territórios pontuais, cúmplices desejos da raça em euforia. Depois, o que resta dessa aglomeração agrupada como soldadinhos de chumbo, é a memória lancinante da partida e do resultado.

Nelson mergulhou em si e trouxe lá de dentro, da memória, de sua experiência individual os traços que marcam toda sua produção literária. Certamente a cidade em Nelson expõe as fragilidades do homem moderno, a certeza de que a moralidade conservadora já não seria capaz de ordenar nossas relações. De outro lado, as ilusões da modernidade e avanço também não seriam eficazes como forças ordenadoras dessas mesmas relações. O racionalismo e o mundo do interesse, marcas da sociedade moderna, impossibilitariam qualquer forma de liberdade, especialmente aquela mais importante para a hierarquia de valores de Nelson, a liberdade afetiva. Tudo se corrompera, todos estavam cegos para o que era óbvio ululante: *pouco amor não é amor*. Falta ao homem moderno o acontecimento de um Homero, a urbe arqueja pela recriação do passarinho, das subjetividades.

Seguindo a tese de Nelson de que devemos desconfiar das certezas e das verdades absolutas, podemos afirmar que o principal objetivo dessa pesquisa foi entrecruzar temas, corpos, cenas e sentidos em trânsito no Rio de Janeiro que apresentam a peculiar transformação urbana, tanto no plano individual, quanto no plano das inter-relações – experimentando uma realidade que nos parece alheia – evitando classificações, preconceitos ou rótulos que interferissem na percepção da construção artístico-literária do autor.

Portanto, se a concretude da cidade rodrigueana não rompe o invólucro dos mistérios humanos, deixa viva a lente que proporciona as tonalidades simbólicas e alegóricas dessa cidade e fotografa cenas instantâneas das sensações pensadas que compõem metonimicamente o cenário urbano. A pose é imóvel e não interessa. O que importa é o movimento, o “click” no que passa, o espetáculo promovido.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Nelson é perfeito na sua flama indomável, na sua agressividade imbatível, nas suas penetrações implacáveis na composição urbana do Rio de Janeiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA